

Cardoso, Denise Porto; "Fundamentação Teórica", p. 13-22 . In: **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialetoes Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-099-5, DOI 10.5151/BlucherOA-atitudeslinguisticas-004

# 2

## CAPÍTULO

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Todo falante aprendeu, inicialmente, uma variedade específica da língua de sua comunidade. Essa variedade pode ser diferente em algum nível de outras variedades da mesma língua aprendida por outros falantes como sua primeira língua. Em determinada dimensão, a variedade linguística que usa o indivíduo indica quem ele é. Essa variedade é o dialeto, que, na maioria das comunidades linguísticas, é determinado pela região de origem do falante.

Os dialetos regionais são normalmente agrupados em áreas dialetais maiores, mas há, muitas vezes, grande diferença em cada área. Antenor Nascentes (1953, p. 35) divide o dialeto brasileiro em seis subdialetoes, e coloca o dialeto aracajuano dentro do subdialeto baiano, embora este apresente diferenças em relação ao de Aracaju.

A heterogeneidade linguística dentro de um vasto e diversificado país como o Brasil é um fato natural decorrente da própria heterogeneidade social, devido a diferentes graus de coerência interna e contato intergrupalo das diferentes comunidades. De uma maneira geral, os fatores que determinam a heterogeneidade linguística são três:

- a) o geográfico, responsável pela divergência linguística entre comunidades fisicamente distantes uma da outra;
- b) o social, responsável pela divergência linguística entre subgrupos distintos de uma dada comunidade, tendo como fatores distintos a estratificação social, a faixa etária, o sexo, a ocupação profissional dos falantes, o desejo ou interesse que eles têm em manter características linguísticas que os demarquem;
- c) o registro de uso ou nível de formalidade atribuídos à interação verbal pelos interlocutores, numa escala que vai desde o mais coloquial ao mais formal.

Um dos fatores de relevância dos estudos sociolinguísticos é depreender como o falante se sente em relação ao dialeto que fala, uma vez que há uma tendência de se categorizar socialmente uma pessoa pelo seu dialeto ou socioleto.

Na literatura sociolinguística, as análises quase sempre incidem sobre a unidade, dialeto ou variante de uma determinada língua. Como as diferentes maneiras de falar uma dada língua são relacionadas com a diferenciação entre grupos e classes sociais, há todo um regime de valorização envolvendo essas variantes. Mas, segundo Lahud (1981, p. 48-49),

*A passagem se faz muito facilmente da constatação de exigência efetiva de um jogo social de valores afetando os diferentes fatores para assimilação desses valores à própria organização linguística dessas variantes. O feio e o bonito, o certo e o errado, o lógico e o não lógico, mas também o reacionário e o progressista ou libertário passam, assim, a ser tomados como uma espécie de virtudes internas à própria linguagem, embora obviamente haja diferenças na distribuição dessas qualidades entre as variantes, em função do ponto de vista de grupo ou classe social a partir do qual essa distribuição é feita.*

Nada prova que uma língua ou qualquer variedade sua seja mais “eficiente” que outra. Do ponto de vista qualitativo, nada há aprioristicamente superior ou inferior num ou noutro dialeto, em termos de suas potencialidades de expressão. Entretanto, o dialeto nordestino ou o dialeto baiano ganha no sul uma conotação “diferente” ou até negativa, porque as formas gramaticais e pronúncias de maior prestígio são as utilizadas pela classe alta da região centro-sul (cf. 1º Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro. Salvador, 1956).

Assim, embora não haja nenhuma novidade em se dizer que alguns dialetos têm mais prestígio que outros, continua a ser interessante a busca de evidências que comprovem esse fato e, sobretudo, das causas que o motivam. Na época atual, em que mudanças linguísticas constantemente se fazem sentir, é preciso que os estudos sobre a língua se multipliquem para que possam, não justificar suas ocorrências, mas detectar suas implicações sociais.

Dentre essas implicações, as considerações sobre a língua merecem destaque no que diz respeito à variedade tida como padrão na fala, já que a escrita, além de ser regida preferencialmente pelas gramáticas tradicionais do português, não será analisada no presente trabalho. Esse aspecto, portanto, assume grande interesse, pois pode fornecer dados que contribuam para a definição de norma linguística, no sentido estilístico e desejado do termo. Essas conclusões são importantes, acima de tudo, para fundamentar decisões quanto ao processo educacional e à alfabetização em particular.

Cumprir lembrar que são poucos os trabalhos existentes no Brasil sobre atitudes linguísticas em relação à língua portuguesa.<sup>1</sup> Ressaltamos o trabalho pioneiro de Santos (1973) sobre atitudes linguísticas de adolescentes para determinar sua capacidade de perceber o valor social de variantes; e ainda os trabalhos de Almeida (1979), que estudou a natureza das atitudes linguísticas de falantes brasileiros, tomando como base a comunidade de Belo Horizonte; Alves (1979), que verificou as tendências (pernambucanos e baianos), em São Paulo, manifestadas com relação às variedades linguísticas nativas e paulistas; e Santos (1980), que estudou a transmissão aos educandos de crenças e atitudes escolares. Nenhum destes trabalhos, entretanto, trata do dialeto nordestino em sua região de origem, tampouco menciona o dialeto aracaçuano. Esse quadro justifica, assim, a oportunidade e a pertinência do presente estudo no contexto dos estudos linguísticos do Brasil.

Os estudos mais recentes da sociolinguística sugerem que a avaliação que um ouvinte faz da língua de um falante depende, em grande parte, das atitudes linguísticas pré-estabelecidas em relação ao dialeto, à classe social e ao grupo étnico desse falante. Labov (1976) demonstrou a importância que a avaliação feita pelos próprios falantes tem para uma boa compreensão da estrutura social da língua e para a compreensão das mudanças linguísticas. Na segunda parte do seu trabalho, Labov explora os mesmos dados da primeira parte de acordo com outra perspectiva, a da avaliação subjetiva das variáveis e da atitude geral em relação

---

1 N.E: E ainda hoje o são, no Brasil, o que releva a importância da digitalização e da difusão destes trabalhos, em sua maioria teses e dissertações com circulação restrita.

ao falar de Nova York. De uma maneira geral ele determina em que medida e de que maneira os valores sociais dessas variáveis estão presentes na consciência dos falantes da comunidade e em que grau esses valores são interiorizados.

Por outro lado, segundo Grimes (1983, p. 10), “é necessário aprofundar o estudo sobre tipos de inter-relacionamento entre padrões e valores culturais, o uso da língua e as atitudes linguísticas. Isso deve ser feito para se poder chegar a conclusões válidas sobre qual é a língua que se deve usar na comunidade oral, e para planejar as atividades de alfabetização e educação”.

## 2.1 CONCEITUAÇÃO DE ATITUDES

Allport (1935, p. 8) define atitude como “um estudo neuromental de prontidão, organizado através da experiência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo para todos os objetos e situações com as quais está relacionado”. Desta conceituação, podemos constatar que as atitudes levam a uma avaliação mais ou menos emocional e orientam o indivíduo a escolher entre diferentes programas de ação. São suscetíveis de mudanças, não sendo, porém, inatas; desenvolvem-se e organizam-se com a experiência, e são dinâmicas, uma vez que levam o indivíduo a perceber coisas e pessoas que o rodeiam de maneiras diferentes sem parar para refletir.

Thurstone (1928, p. 20-21) diz que “atitude é o afeto a favor ou contra um objeto psicológico”, descrevendo o afeto, em sua forma primitiva, como uma aversão (afeto negativo) e aceitação (afeto positivo), e considerando que o objeto psicológico tanto pode se referir a uma ideia como a um plano de ação, uma forma de conduta, um ideal, um princípio moral, um slogan ou um símbolo. Em outro artigo, Thurstone (1931, p.77) afirma que “o conceito de atitude será usado aqui para denotar a soma total dos sentimentos e inclinações do homem, preconceitos ou tendências, noções preconcebidas, ideias, medos, ameaças e convicção sobre qualquer dado específico”.

Segundo Lambert e Lambert (1975, p.100), “uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Entretanto, a conceituação dada por Rokeach (1974, p. 15) apresenta de uma maneira mais concisa aspectos comuns a conceituações anteriores: “Uma atitude é uma organização relativamente duradoura de crenças em torno de um objeto ou situação, que predis põem a raciocinar preferentemente de uma determinada maneira”. Tanto Lambert e Lambert (1975)

como Rokeach (1974) veem nas atitudes uma estrutura tripartida. Para Lambert e Lambert (1975, p. 100), “os componentes essenciais de atitude são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções bem como tendências para reagir”. Enquanto para Rokeach (1974, p.16),

*Toda crença que faz parte de uma atitude é constituída de três componentes: (1) um componente cognitivo que representa o conhecimento que, dentro de certos limites de certeza, tem uma pessoa acerca do que é verdadeiro ou falso, bem ou mal, desejável ou indesejável; (2) um componente afetivo pelo qual, supondo-se as condições adequadas, a crença é capaz de despertar aspectos de intensidade variável que se centram (a) no objeto da crença, ou (b) em outros objetos (indivíduos ou grupos) que tomam uma posição positiva ou negativa a respeito do objeto da crença, ou (c) na própria crença quando sua validade é notoriamente colocada em dúvida, como sucede no caso de uma disputa, e (3) um componente de conduta no qual a crença, sendo uma predisposição de resposta de limite variável, deve conduzir a algum tipo de ação quando é ativada convenientemente. A classe de ação à qual se conduz é determinada estritamente pelo conteúdo da crença. Assim, uma crença meramente descritiva é uma disposição à ação quando as condições são aproximadas.*

Em nosso trabalho adotaremos o conceito de atitude que apresenta essa estrutura tridimensional pelo fato de considerarmos mais adequado. Nele, os pensamentos e as crenças representam a dimensão cognitiva; os sentimentos e emoções, a dimensão afetiva; e as tendências para reagir representam a dimensão conativa.

Na verdade, definida como “tendências para reagir”, a atitude se caracteriza, antes de tudo, por uma disponibilidade vinculada necessariamente ao ter componentes que a constituem. Pensada nesses termos, essa disposição latente, presente nos indivíduos, não se configura unicamente como uma forma de agir primária ante um objeto da percepção, mas como uma tendência elaborada e fortemente dirigida pelas crenças e valores que subjazem na manifestação ativa do sujeito com relação ao objeto. O “componente cognitivo”, como a chama Rokeach (1974), tem, assim, uma influência preponderante. Por outro lado, nesse complexo processo que define a atitude entre o “componente cognitivo” e o “componente de conduta”, que configura a ação do indivíduo com relação a um objeto determinado, situa-se o “componente afetivo”, cuja matéria-prima, se é que assim

podemos dizer, provém do primeiro componente e cujo alcance se projeta sobre o último componente. Em outras palavras, o caráter de relativa passividade que caracteriza, de certa maneira, o componente cognitivo chegaria ao componente de conduta ativado pelo componente afetivo que, a partir das crenças, provoca reações determinadas, as quais, por sua vez, dão os contornos para a ação final do indivíduo.

Insistimos, portanto, no fato de que a atitude é vista aqui como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto.

Dentro desse quadro teórico, e envolvendo a problemática colocada anteriormente, empreendemos nosso trabalho de pesquisa sociolinguística.

## 2.2 ALGUNS TRABALHOS REALIZADOS SOBRE ATITUDES

Uma consulta a fontes bibliográficas revela serem recentes as pesquisas que têm por objeto central as atitudes linguísticas.

No capítulo inicial de sua tese sobre o inglês de Nova York, Labov (1976) faz um histórico dos estudos da língua em seu contexto social, chamando a atenção para a extrema escassez de trabalhos sobre a avaliação subjetiva de fatos da língua. Labov só conseguiu arrolar cinco trabalhos anteriores ao dele que, ao menos parcialmente, cuidavam desse assunto. A atitude ocupa um lugar importante nos estudos linguísticos de Labov (1976), que demonstrou principalmente duas coisas: 1) a importância da avaliação feita pelos falantes sobre fatos linguísticos para uma boa compreensão da estrutura social da língua (a estratificação social do /R/ nas grandes lojas de Nova York). Ele mostra, de uma parte, a hipercorreção da pequena burguesia ao nível de performance do /R/ e, de outra, sua atitude em relação à fala com ou sem /R/; 2) a importância que podem ter as atitudes linguísticas para compreensão das mudanças linguísticas. O estudo de Martha's Vineyard demonstra como a direção de uma mudança linguística pode ser invertida por causa de implicações sociais, em particular por causa da atitude dos falantes em relação a uma forma inovadora.

Fasold (1983), em *Variation in the forma and use of langue*, publicou, como editor, trabalhos sobre atitudes linguísticas em diferentes direções, dentre as quais a pesquisa realizada por Wolck (1973), *Atitudes Toward Spanish and Quechuan in bilingual Peru*, que trata do bilinguismo quéchua e espanhol no Peru. Após colocações históricas que procuram situar as línguas no Peru, o autor descreve o trabalho realizado com o falante do espanhol e quéchua quanto a atitudes, que ele rotula hispanicistas e indigenistas, respectivamente. Na amostra testada, uma parcela mostrou-se a favor de uma rapidez na hispanização da linguagem, enquanto a população não falante do espanhol manifestou atitudes tendentes à retenção da própria linguagem. O trabalho foi montado sobre amostras selecionadas de fala gravadas em fita, que o autor rotulou de estímulos às manifestações de fala dos indivíduos amostrados.

Os falantes que produziram os estímulos para o teste foram escolhidos de dois grupos sociais e de dois grupos linguísticos diferentes. As variáveis foram: a) classe social do falante; b) capacidade linguística dos falantes (se monolíngue ou bilíngue); c) a língua usada nos estímulos; e d) tópico discutido na passagem-estímulo.

Para o diagnóstico de atitude, Wolck (1973) serviu-se de escalas semânticas diferenciais, formadas por pares de palavras, com espaços entre si, que deveriam ser assinaladas com um “X” após ouvidas as amostras de fala. Como resultado, o autor apresenta dados quanto às atitudes sobre a língua e status social e lealdade linguística dos entrevistados.

No artigo *Some research notes on dialect attitudes and stereotypes*, Williams (1973), partindo do pressuposto de que as pessoas tendem a empregar conjuntos estereotipados de atitudes como pontos de apoio para a avaliação quando se lhes apresenta uma amostra de fala, empreendeu trabalho objetivando examinar aspectos de atitudes que entram em jogo quando as pessoas fazem julgamentos de fala. Examinou as atitudes que professores refletiram nas avaliações de fala de crianças brancas, negras e mexicanas, de status social médio e baixo.

Com o trabalho, pretendeu rever métodos e examinar atitudes, sumarizar como as medidas de atitudes devem ser tomadas para medir operacionalmente estereótipos dialetais e apresentar especulações sobre como tais estereótipos parecem entrar nos processos de avaliação da fala. Como medida técnica para atitudes, partiu de escalas semânticas diferenciais que envolveram a avaliação de um conceito ou estímulo através de pares adjetivos.

Apontou o fato de que, mesmo na ausência de estímulos gravados, alguns professores mostraram-se propensos a antecipar atitude em direção a um tipo particular de crianças. Essas atitudes refletiram, conforme o autor, um estereótipo,

e a pesquisa se encaminhou no sentido de verificar, através de outras técnicas, que relações essas atitudes apresentaram com as amostras de fala.

D'Anglejan e Tucker (1971), no artigo *Sociolinguistic correlates of speech style in Quebec*, examinam o estágio da língua francesa em Quebec em uma perspectiva sociolinguística. Esta pesquisa representa uma nova dimensão nos estudos canadenses, que interessa tanto a estudantes como educadores por razões práticas e teóricas.

Os dados demonstraram que há tanto uma consciência da variação linguística por parte de estudantes, professores e trabalhadores franco-canadenses oriundos de três diferentes regiões, Montreal, Quebec e Alma, quanto a uma relação indefinida entre a língua e a mobilidade social, educacional e ocupacional, e a uma percepção da língua como uma entidade dinâmica que pode, entretanto, ser influenciada por forças externas.

D'Anglejan e Tucker (1971) utilizaram questionário com estímulos gravados associados à escala do diferencial semântico. Trabalharam apenas com duas variáveis: a geográfica (Montreal, Alma e Quebec) e ocupacional (estudantes, professores e trabalhadores). As frequências das respostas foram tabuladas e convertidas em porcentagens.

A publicação de Fasold (1983) traz ainda o trabalho de Taylor (1973) sobre as atitudes de professores em relação aos dialetos “negro” e “não padrão” do inglês, como dados para avaliação através de escalas de atitudes.

### 2.3 MEDIDAS DE ATITUDES

Em todos os trabalhos sobre atitudes linguísticas desponta uma certeza: as atitudes podem ser medidas, mas são complexos os estudos que tratam desta medida, uma vez que existem várias dimensões a considerar.

A escala a priori é um teste planejado baseado na lógica e não nas considerações empíricas. Bogardus (*apud* ALLPORT, 1935, p.10) mede, através desta escala, as atitudes étnicas. Ele pede aos informantes o tipo de contato que gostariam de estabelecer com membros de certos grupos étnicos ou nacionais. As distâncias são traduzidas segundo uma série de escolhas:

1. Entrar para minha família através do casamento.
2. Fazer parte do meu clube como amigo íntimo.

3. Morar na minha rua como vizinho.
4. Ser meu colega de trabalho.
5. Ser cidadão do meu país.
6. Ser somente visitante do meu país.
7. Ser excluído do meu país.

A escala psico-física só é aplicada quando se concebe a atitude com um grau de afeto a favor ou contra um objeto ou um valor.

Thurstone (1931) mede atitude e opiniões servindo-se de uma escala na qual estabelece as medidas em termos de “mais” e “menos” com uma zona neutra no meio. Lickert (1932) apresenta uma avaliação de opiniões com cinco níveis num conjunto de enunciados. Atribui a cada possibilidade um valor numérico. Já Osgood (1963) desenvolveu a escala conhecida como “diferencial semântico”. Esta técnica é considerada uma das mais importantes para medir atitudes linguísticas. Tipicamente uma escala de “diferencial semântico” envolve a avaliação de um conceito ou estímulo e graus, sobre pares constituídos de adjetivos opostos. Por exemplo, uma pessoa deve avaliar uma amostra de fala em termos da seguinte escala:

Rápida \_\_\_\_\_ Lenta

Se o informante tem a impressão de que a fala da amostra é extremamente rápida ou lenta, ele colocará uma marca nos “compartimentos” extremos da escala. Ele indica um grau menos importante marcando os segundos “compartimentos” menos extremos. Se um informante avaliar a fala da amostra como sendo mais ou menos lenta ou mais ou menos rápida, ele deverá marcar os “compartimentos” vizinhos ao do centro na escala. Finalmente se o informante é neutro ou não julga, o “compartimento” central é o marcado.

Em todas estas escalas temos que considerar que o informante responde abstratamente ao que se faz quando uma situação concreta se lhe apresenta. Entretanto, como afirma Thurstone (1998, p. 78), “a medida da atitude expressas pelas opiniões do homem não significa necessariamente a predição do que ele fará [...] mesmo se eles estão intencionalmente distorcendo suas atitudes, nós estamos medindo, no mínimo, a atitude que eles estão tentando fazer as pessoas acreditarem que têm”.

